

**OS DIFERENTES GÊNEROS TEXTUAIS
UTILIZADOS NA UNIVERSIDADE:
O PAPEL DOCENTE E DISCENTE NESTE CAMINHAR**

Arlinda Cantero Dorsa (UCDB-MS)
acdorsa@uol.com.br

1. Reflexões iniciais necessárias

É importante inicialmente, que consigamos refletir sobre o papel dos professores e pesquisadores que fazem parte da comunidade científica existente nas universidades e nos centros de pesquisa e que desenvolvem suas atividades acadêmicas, seja de ensino, pesquisa ou extensão.

Faço parte há cerca de dezesseis anos deste grupo, como professora de graduação, de pós-graduação *lato sensu* e orientadora em programas de iniciação científica e desde 2008, como professora do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Local na Universidade Católica Dom Bosco-MS.

Por atuarmos em um espaço de circulação e socialização de conhecimentos, há necessidade que estejamos atentos na observação de alguns aspectos que regem esta comunidade e que se voltam ao cumprimento e ao ensino de regras estabelecidas formais e textuais, acordadas na e pela comunidade.

Tais regras formais estão previstas nas normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas, ora doravante ABNT; quanto as textuais, elas precisam estar implícitas e explícitas em nossa atuação docente, seja como autores em nossas publicações e apresentações em eventos científicos, seja na preocupação de gradativamente estimular nossos alunos no aprendizado efetivo de tais regras para que se sintam inseridos no mundo acadêmico e estimulados a também serem autores de suas produções textuais.

Ao citarmos as chamadas regras textuais, temos em mente que na academia fazemos não só uso de diferentes gêneros textuais em nossas práticas docentes como também necessitamos evidenciar aos nossos alunos uma prática discursiva que atente para o domínio dos aspectos relacionados às qualidades textuais e ao uso adequado das sequências textuais.

Qualquer que seja o gênero utilizado, as qualidades relativas à impessoalidade, à objetividade, à clareza, à precisão, à coerência e concisão são fundamentais para a legibilidade do texto acadêmico.

Algumas questões emergem nesta discussão e ao longo do texto pretendemos discutir-las: Quais são os gêneros textuais científicos e quais as suas pluralidades discursivas? Por que grande parte dos discentes encontra sérias dificuldades na elaboração desses gêneros? Qual o real papel docente na formação discursiva dos alunos na universidade?

Este texto objetiva, portanto, articular pesquisadores docentes e discentes em torno da discussão dos diferentes gêneros textuais que norteiam a universidade e que envolvem não só a pluralidade discursiva dos sujeitos envolvidos, como também abre oportunidade para a discussão sobre a relação dos alunos com a escrita científica na graduação e pós-graduação.

2. O texto científico e sua utilização na universidade

O envolvimento da universidade no ensino-aprendizagem da escrita do texto científico demanda pesquisas e habilidades sobre as competências comunicativas, textuais e gramaticais que possibilitem a elaboração de textos sistematizadores do conhecimento de forma mais aprofundada e complexa.

Nesse contexto, a relação professor aluno deve ser tratada com sensibilidade e vida, a partir do estudo do processo do conhecimento científico e sua conexão com a produção de textos, possibilitando até as reconstruções históricas social, patrimoniais, culturais e ambientais de um povo.

A palavra texto possui uma acepção complexa por ser definida a partir de vários pontos de vista, em diferentes áreas de conhecimento e segundo autores diversos, sendo assim, surgem nomenclaturas diversas, seja como: discurso, como enunciado, como produção de sentido, ou mesmo como concatenação de frases.

A palavra texto no universo acadêmico por não se direcionar apenas à academia e sim à humanidade, é visto de diferentes formas razão, pela qual Barros (2010) pondera que ele deve ter características que o façam universal e acessível a todos. Dentre as características, nomeiam-se além das qualidades necessárias tais como objetividade, a clareza, a impessoalidade, a linguagem técnica, a necessidade do uso de recursos formais adequados como: notas de rodapé, citações, referências.

A elaboração de um artigo científico, por exemplo, tem por objetivo a divulgação em anais de congressos e/ou seminários ou publicação em periódicos especializados dos resultados de uma pesquisa desenvolvida a partir de um tema específico; serve “como via de comunicação entre pesquisadores, profissionais, professores e alunos de graduação e pós-graduação” (MOTTA ROTH E HENDGES, 2012, p. 65).

Segundo as autoras, há necessidade do convencimento por parte do autor de que seu estudo tenha relevância para área do saber em que inscreve tal pesquisa e para a consecução de tal objetivo trazem algumas orientações necessárias:

1. Seleção das referências bibliográficas relevantes ao assunto;
2. Reflexão sobre os estudos anteriormente feitos na área;
3. Delimitação do problema ainda não estudado na área;
4. Delimitação e análise de um conjunto de dados representativos do universo sobre o que se pretende alcançar;
5. Apresentação e discussão dos resultados das análises desses dados;
6. Conclusão e elaboração dos resultados relacionando-os aos estudos prévios da área de conhecimento.

Embora não existam textos puros, pode-se dar conta de alguns modelos de sequências textuais: o texto argumentativo, o texto explicativo, o texto descritivo e o texto narrativo. É possível encontrar em um mesmo texto estas sequências textuais, sendo que alguns traços são marcantes em cada um desses tipos:

Nos textos científicos, a argumentação é uma espécie de suporte para as ideias do autor, sobre determinado assunto, conforme se verifica, por exemplo, nas dissertações, teses ou mesmo artigos científicos. O texto explicativo é encontrado nos livros didáticos, permeia o caminho para a compreensão de uma informação já existente, utilizado para exposição de um tema ou um assunto com o objetivo de buscar respostas às questões emergentes do tema ou assunto suscitado. No texto narrativo, há uma modalização das ações relatadas a partir de diferentes momentos do percurso narrativo e estas ações são determinadas pelas categorias do crer, do querer, do dever, do saber e do poder explícitas ou não no enunciado. (DORSA, 2012, p. 21)

O texto científico como o “discurso do saber” compreende dois discursos produzidos em momentos diferenciados: o discurso da descoberta que é narrativo, produzido solitariamente pelo cientista na busca da resolução de um enigma, a fim de tomar posse do “saber” e o discurso da manifestação que é social, produzido para tornar conhecida à comunidade científica, a descoberta realizada pelo cientista, transmitindo, assim, o “saber” adquirido. (SILVEIRA, 1991, p. 1)

Amplia esta visão, Ferreira (2008), ao referendar os três princípios clássicos com relação à comunidade científica: i) princípio da disseminação: refere-se à visibilidade dos resultados de modo que possam ser usados pela comunidade científica; ii) princípio da fidedignidade: refere-se à revisão pelos pares com o intuito de conferir validade e qualidade ao conteúdo; iii) princípio da acessibilidade: refere-se à organização, à permanência e ao acesso ao conteúdo científico pela comunidade científica.

Com base neste conceito, infere-se que os textos científicos precisam ser escritos com muito rigor, ainda que esta reconstrução da informação em conhecimento exija um produtor textual ativo e atento ao processo individual necessário para que possa ser aceito nos meios de difusão especializado como as revistas e periódicos ou anais de eventos científicos.

No entanto, para Coracini (2007), apropriar-se da linguagem científica requer um conhecimento aprofundado dos recursos linguísticos empregados pela comunidade científica e não somente conhecer a sua estrutura formal.

3. *Um olhar necessário nos gêneros textuais científicos*

O produtor textual voltado ao texto científico seja ele pesquisador experiente ou não na área acadêmica, necessita escrever para apresentar resultados parciais ou finais de sua pesquisa e este trabalho deve obedecer às normas preestabelecidas e que compreendem: embasamento teórico, observações ou descrições originais de trabalhos experimentais.

Normalmente neste tipo de escrita acadêmica, o saber partilhado traz a informação antiga que é de conhecimento da comunidade e normalmente aparece na introdução ou na revisão bibliográfica, a informação nova é a razão da existência do texto e ela se configura na forma como o produtor do texto enfoca determinado assunto ou traz um novo olhar sobre algo que ainda não é do conhecimento de todos; as provas são os fundamentos das afirmações expostas e a conclusão ressalta as novas ideias expostas e o grau de intencionalidade do texto produzido.

Com relação ao estudo dos gêneros, para Bakhtin, (1997, p. 303) há diferença entre termos um bom domínio linguístico, no entanto sermos inexperiente na atividade de moldarmos os gêneros, por nos faltarmos a prática tão comum nas comunidades que fazem uso de determinados gêneros. Aprofunda esta questão Ghiraldelo (2006) quando afirma que há falta de comprometimento com a leitura de cada texto, na prática da montagem textual cortar/colar, atividade esta que se tornou comum nas universidades com o advento da informática e da cibernética.

Aponta Bakhtin (2004) três características comuns a qualquer gênero textual, sintetizadas por Rojo (2005, p. 196):

Os temas conteúdos ideologicamente conformados _ que se tornam comunicáveis (dizíveis) através de gêneros; os elementos das estruturas comunicativas e semióticas compartilhadas pelos textos pertencentes ao gênero (forma composicional); as configurações específicas das unidades de linguagem, traços da posição enunciativa do locutor e de forma composicional do gênero (marcas linguísticas ou estilo).

Observamos, portanto, que a utilização dos diferentes gêneros textuais na universidade, torna-se um exercício contínuo, exaustivo em alguns momentos, onde a linguagem desempenha um papel significativo para compartilhar com os membros da comunidade científica os objetivos que pretendemos alcançar.

Reforça, no entanto, Marcuschi (2008, p. 150), que os gêneros não são entidades formais, mas sim “entidades comunicativas em que predominam os aspectos relativos a funções, ações conteúdos, pode-se dizer que a tipicidade de um gênero vem de suas características funcionais e organizações retóricas”.

No Brasil, as contribuições decisivas do autor, têm trazido ao estudo dos gêneros novos olhares, levando em conta os estudos contemporâneos sobre o assunto, o autor aponta seis características do gênero textual que podem ser vistas como indicadores das concepções desenvolvidas pelos estudos mais recentes, por operarem em contextos como formas de legitimação discursiva. As características são: categoria cultural, esquema cognitivo, forma de ação social, estrutura textual, forma textual, forma de organização social e ação retórica.

Outro aspecto evidenciado por Marcuschi é apresentado na voz de Bhatia (1997), e a indagação volta-se à razão de os textos de uma comunidade discursiva específica, buscarem no uso da língua formas semelhantes seja ao escreverem uma monografia, uma tese, ao pronunciarem um discurso, uma aula expositiva, ao escreverem um resumo. Todos acabam segundo Bhatia, a produzirem textos similares que circulam em ambientes próprios por que estão envolvidas não só questões socioculturais e cognitivas como também ações de ordem comunicativa e estratégias convencionais utilizadas para a consecução de determinados objetivo.

Reflete então Marcuschi (2008) que todo gênero tem uma forma e uma função assim como estilo e conteúdo, todavia seu objetivo se baseia em sua função, daí falharem os estudos sobre gêneros que sejam estritamente formais ou estruturais.

Como um objeto complexo e plural, o texto científico materializa-se por meio de gêneros diferentes, tais como: 1- gêneros didáticos: resumos, resenhas, relatórios, projetos, apresentação de trabalhos orais e escritos e outros; 2- gêneros de divulgação: artigos, resenhas, ensaios; 3- gêneros de conclusão e/ou aquisição de grau: monografia, ensaio, dissertação, tese, memorial, no entanto, “cada gênero é reconhecido de forma particular em sua construção textual, seja um artigo, um abstract, uma monografia, um livro há fun-

ções diferentes que o envolvem: tema e objetivo do texto, público-alvo, e organização das informações”. (MOTTA ROTH, HENDGES, 2010, p. 23).

Com relação ao gênero didático, utilizados na universidade para a consecução das ações discentes e docentes, é importante percebermos as características textuais e formais, por terem uma representação significativa na vida acadêmica:

Resumo	Destaca o assunto do trabalho, o objetivo do texto, a articulação das ideias, as conclusões do autor da obra resumida. Deve ser redigido em linguagem objetiva, não apresentar juízo crítico, dispensar a consulta do original (resumo analítico), evitar a repetição de frases inteiras do original, respeitar a ordem em que as ideias ou fatos são apresentados.
Resenha	Descrição minuciosa de um livro, de um capítulo de um livro ou de parte deste livro, de um artigo, de uma apostila ou qualquer outro documento. É um trabalho científico que exige conhecimento do assunto, pois permite não só a comparação entre obras da mesma área como também produz avaliação e emissão de juízos de valor. Promove também a avaliação da relevância da obra em relação a outras do mesmo gênero.
Relatórios	Os critérios necessários obedecem aos seguintes itens: Identificação: título do plano de trabalho, nome do orientando e orientador, resumo das atividades desenvolvidas; principais resultados (apresentação e discussão); referências; atividades complementares; alterações na proposta original.
Projetos	São focalizações específicas que emergem de um tema e em sua estrutura textual e formal precisam atender aos seguintes itens, identificação do acadêmico; identificação do plano de trabalho; resumo; palavras-chave; justificativa; objetivos; revisão da literatura; metodologia; cronograma de execução; referências.
Apresentação de trabalhos orais e escritos	Há necessidade de uma organização textual e formal que atenda ao tema a ser apresentado mas que apresente uma progressão textual visando: introdução, desenvolvimento do trabalho em itens necessários, considerações finais e referência.

Quanto ao gênero de divulgação, o artigo é o gênero textual mais utilizado por pesquisadores, docentes e discentes visando à divulgação científica do trabalho produzido.

Esses textos assim denominados “são trabalhos técnico-científicos, escritos por um ou mais autores, com a finalidade de divulgar a síntese analítica de estudos e resultados de pesquisas, (LEIBRUDER, 2000) e na perspectiva de Souza (2009) podem definir-se como o texto mais conceituado na divulgação do saber especializado acadêmico e científico, cuja função é ser uma forma de comunicação entre pesquisadores, profissionais, professores e alunos de graduação e pós-graduação.

É importante então ressaltar a importância da leitura para a efetivação da escrita de um artigo consistente e interessante, pois o desenvolvimento da autonomia, do senso crítico, ao ler nas entrelinhas, são condições fundamentais em um leitor proficiente.

Neste contexto, cabem as palavras de Paulo de Freire (1999, p. 11) quando afirma que “a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto” e “é do ato de ler como engajamento, como busca interessada e significativa por parte do leitor em oposição à recepção passiva e indiferente que caracteriza a leitura no contexto escolar”.

Com relação ao papel fundamental da leitura, é importante enfatizar que toda pesquisa bem fundamentada necessita inicialmente do desenvolvimento de habilidades de estratégias de compreensão e interpretação textual por parte dos produtores de texto científico, sendo assim, é fundamental o papel do professor na formação e no desenvolvimento dessas habilidades e competência quando este texto é produzido não só por ele como também pelos seus alunos.

Neste contexto, a elaboração de um artigo científico tem por objetivo a divulgação em anais de congressos e/ou seminários ou publicação em periódicos especializados, dos resultados de uma pesquisa desenvolvida a partir de um tema específico; serve “como via de comunicação entre pesquisadores, profissionais, professores e alunos de graduação e pós-graduação” (MOTTA ROTH E HENDGES, 2012, p. 65).

Segundo as autoras, há necessidade do convencimento por parte do autor de que seu estudo tenha relevância para a área do saber em que inscreve tal pesquisa e para a consecução de tal objetivo trazem algumas orientações necessárias:

- seleção das referências bibliográficas relevantes ao assunto;
- reflexão sobre os estudos anteriormente feitos na área;
- delimitação do problema ainda não estudado na área;
- delimitação e análise de um conjunto de dados representativos do universo sobre o que se pretende alcançar;
- apresentação e discussão dos resultados das análises desses dados;
- conclusão e elaboração dos resultados relacionando-os aos estudos prévios da área de conhecimento.

Segundo Motta Roth e Hendges, (2012, p. 23) os artigos são publicados com o objetivo de conseguir:

divulgação, discussão ou apresentação de dados referentes a um projeto de pesquisa experimental sobre um problema específico (artigo experimental), apresentação de uma revisão dos livros e artigos publicados anteriormente sobre o tópico (artigo de revisão) dentro de uma área específica.

Ao longo da elaboração do artigo há necessidade de se manter a progressão textual nas seções que podem ser definidas ao se iniciar a escrita do artigo, seja ele original, ou seja, resultante de pesquisa científica que apresenta dados originais de descobertas; seja ele de revisão, ou seja, aquele que traz uma síntese crítica de conhecimentos sobre determinados temas e que são produtos de leituras aprofundadas que permitem tal visão crítica. (DORSA, 2013)

Conforme Gomes (2000), *apud* Costa (2011) os artigos científicos teriam sua estrutura-padrão alicerçada por cinco pilares básicos: contextualização, apresentação do estudo, metodologia, resultados obtidos ou prováveis e o ponto de vista.

contextualização	O leitor situa-se no contexto no qual se insere o tema central do texto. A intenção volta-se a destacar a importância do tema em discussão
apresentação do estudo	Relato breve sobre a pesquisa a partir de estudos já enfocados. É nessa seção que, em geral, são encontradas respostas para as perguntas-chave: quem? para quê? o quê? quando? que se referem, respectivamente, aos participantes, aos objetivos, ao assunto e ao período de realização ou previsão do trabalho
metodologia	Informações sobre o método de trabalho para o desenvolvimento do estudo apresentado
resultados obtidos ou prováveis	contêm os resultados de estudos concluídos ou resultados parciais ou previsões, no caso de as pesquisas ainda estarem em desenvolvimento;
ponto de vista	contém, explícita ou implicitamente, o ponto de vista do autor sobre o assunto tratado. Essa seção pode vir inserida em outras seções, muitas vezes de forma implícita, o que a faz permear praticamente todo o texto. A identificação do ponto de vista é feita observando o conteúdo em si e as marcas linguísticas que indicam a presença da subjetividade do autor, como os modais, as perguntas retóricas, os quantificadores, os superlativos e alguns verbos e advérbios.

Quadro elaborado a partir do texto “O gênero textual artigo científico: estratégias de organização”, de Adriano Ribeiro da Costa [2011?].

Nas áreas de ciências humanas, o artigo costuma ser elaborado atendendo à estrutura textual e formal na elaboração da Introdução, Desenvolvimento (duas a três seções) e considerações finais. Na introdução há uma visão global do texto, que abrange a contextualização, a metodologia, os objetivos além de se apresentar o referencial teórico que embasará o trabalho. Nas seções, são organizados os assuntos a serem apresentados em uma progressão textual que atenda ao tema proposto, cabendo às considerações finais fazer a síntese do que foi apresentado enfatizando-se os resultados obtidos da pesquisa.

Com relação ao gênero de conclusão, mantém-se com relação à monografia, dissertação ou tese basicamente a mesma estrutura textual e formal, ou seja, estes trabalhos devem atender às normas contidas nas respectivas universidades e que se voltam principalmente às estruturas formais textuais e pré-textuais.

Quando se discute as estruturas textuais, algumas características se fazem necessárias, dentre elas podemos citar as qualidades textuais voltadas à objetividade, clareza e concisão, coerência e coesão e precisão vocabular. Quanto às estruturas oracionais, é relevante que o produtor de texto científico evite a elaboração de parágrafos longos, excessos de subordinações e tenha cuidado na utilização correta das pontuações que podem quando mal utilizadas comprometer a coerência de sentido.

4. Das práticas discursivas – reflexões pontuais

Ao se trabalhar o texto acadêmico na universidade é relevante que se tenha uma concepção de linguagem à serviço da comunicação e como instrumento mediador nas práticas sociais, pois a mediação humana existe por meio da palavra e toda articulação de significados que são considerados coletivos e portanto compartilhados se faz por meio da linguagem. Evidencia-se nesse contexto, que o trabalho com a linguagem em situações de ensino não se restringe ao ensino de palavras e sim a seus significados culturais e sociais. (DORSA, CASTILHO, 2011, p. 3)

Como discurso, o texto “etimologicamente significa ideia de curso, de movimento, palavra em movimento, prática de linguagem, constituindo o homem e sua história, mediadora entre o homem e a realidade que o envolve.” (MAINGUENEAU, 1997, p. 34), já para Charaudeau (2009, p. 32-33), “o ato de linguagem é uma totalidade não autônoma, mas dependente de “filtros de saberes que constroem tanto o ponto de vista do Enunciador, quanto do ponto de vista do Interpretante”.

O universo tratado nesse artigo volta-se ao texto científico, no espaço discursivo acadêmico sendo assim, contribui o pensamento de Koch (2006, p. 21), ao definir o texto não como um produto mas sim como um fenômeno discursivo reconhecido pelas pessoas em um determinado contexto.

No universo acadêmico, a leitura e a escrita são fundamentais e elas exigem práticas discursivas e intertextuais que possam contribuir para o avanço da competência leitora e textual dos alunos envolvidos nas pesquisas. Neste contexto, não se pode deixar também de enfatizar a importância do docente neste caminhar científico como o “ativador e provocador” da construção do conhecimento científico.

Estas práticas discursivas precisam ser gradativamente estimuladas e praticadas para que haja competência comunicativa oral e escrita por parte dos alunos na elaboração de

resumos, planos de trabalho, apresentação de trabalhos em sala, relatórios, monografias, comunicações científicas em congressos e seminários e artigos.

O discurso científico, de acordo com Guimarães (2001, p.66), não só carece das funções argumentativas uma vez que é centrado numa tomada de posição como também depende da aceitabilidade por parte da comunidade científica na qual ele está inserido. O público ao qual são endereçadas as publicações científicas, não é passivo, visto que está sob seu controle a matéria e a substância das comunicações que recebe.

5. Ação docente e discente na prática da produção textual científica

Como já dito anteriormente, nos espaços dinâmicos e plurais da universidade, os professores aos trabalharem estes diferentes saberes se veem engajados na produção de conhecimento e interação social, por meio do discurso que se concretiza por diferentes gêneros textuais que circulam nas comunidades universitárias.

Sobre este assunto pondera Ramires (2007, p.4), quando afirma que o professor desempenha um papel importante e fundamental nesse meio, pois, “inserido num contexto de ensino e de pesquisa, sua produção textual é responsável por formular as representações de significados, socialmente compartilhados por seus membros, de uma determinada realidade para o conjunto da área em que atua”.

Reforça esta concepção Paulo Freire (1996) ao constantemente repetir que não há docência sem discência, pois segundo o emérito educador, deveria haver por parte dos docentes um esforço para se adaptar ao seu *locus* de atuação a partir de um envolvimento maior com os alunos e com a prática pedagógica, relacionando-a para caminhos solidários e práticas sociais discursivas e interacionais que fossem mais além do que ensinar o que os sistemas de ensino estabelecem nas grades curriculares.

Na concepção de Tardiff (2002), *apud* Dorsa (2012, p. 3), esta prática de ensinar envolve um processo contínuo de produção, mobilização, comunicação e transmissão de saberes que se articulam formando um saber plural, porém, único e que perpassa por quatro fases: a formação escolar inicial, a formação universitária inicial, o ingresso em uma carreira que se desenvolve ao longo da vida profissional.

De acordo com o autor, são oriundos das ciências da educação os saberes da formação profissional ou pedagógico, os definidos e selecionados pela universidade são os saberes disciplinares, os desenvolvidos pelo professor ao longo de sua profissional são os chamados saberes experienciais, portanto o “saber dos professores é plural e também temporal, uma vez que, como foi dito anteriormente, é adquirido no contexto de uma história de vida e de uma carreira profissional”. (TARDIF, 2002, p. 19).

Algumas questões, porém, permeiam o papel docente enquanto produtor textual e responsável por formular representações sociais aos seus alunos, pois no Brasil mais de 80% da investigação é desenvolvida nos centros das universidades, habitualmente vinculados a programas de formação de pós-graduação (mestrados e doutorados).

O reconhecimento do papel social do professor cientista, de sua legalidade e legitimidade, dos esforços de financiamento para a formação e produção científica significou, e ainda significa uma profunda mudança social e cultural e ela é extremamente significativa para que os esforços docentes possam surtir resultados positivos nas ações discentes seja nos cursos de graduação ou pós-graduação, seja nas pesquisas realizadas ao longo da vida acadêmica.

6. Considerações ainda que parciais

Algumas questões emergiram nas considerações iniciais e se voltaram aos gêneros textuais científicos, às pluralidades discursivas, ao real papel docente na formação discursiva de seus alunos e à causa das serias dificuldades enfrentadas pelos alunos na elaboração desse gênero.

Se os nossos olhos voltassem à prática docente, seja nos cursos de graduação no tocante à elaboração da monografia ou participação na iniciação científica, seja na pós-graduação, onde os resultados de pesquisa se voltam à elaboração de relatórios, notas de leitura e elaboração da dissertação (mestrado) e tese (doutorado), deparamos constantemente com alunos que apresentam serias dificuldades na elaboração dos textos científicos independente do gênero necessário.

Esses problemas perpassam muitas vezes pela ausência da capacidade leitora crítica, reflexiva e objetiva, pela dificuldade em realizar uma pesquisa de campo e da pesquisa elaborada à escrita, pois toda experiência de observação, entrevistas, questionários, relatórios de pesquisa e outras ações envolvem no texto científico, não só aspectos formais quanto textuais.

Fomentar, portanto, práticas de leitura e produção que possam objetivar meios de superação das dificuldades enfrentadas pelos discentes, deve ser o papel docente já que o discurso que se estende nos meios acadêmicos é que um número razoável de alunos, independentes de serem de graduação ou pós-graduação, encontram sérios problemas com sua produção textual, nos gêneros existentes no ambiente acadêmico.

Assim, o corpo docente da universidade deve estar devidamente preparado para responder aos desafios contemporâneos, especialmente às questões em sala de aula, desenvolvendo uma prática didático-pedagógica que respondesse aos anseios dos alunos.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Juliene da Silva. *Margens do texto científico*. Disponível em: <http://www.uag.ufrpe.br/docs/Juliene_III.pdf>. Acesso em: 31-05-2010.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad.: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. Trad.: Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2008.

COSTA, Adriano Ribeiro da. O gênero textual artigo científico: estratégias de organização. *II Semana Nacional de Ciência e Tecnologia do IFPE*. Campus Caruaru. Disponível em: <http://www.cin.ufpe.br/~lsc4/snct2011/files/SNCTIFPE_0005.pdf>.

CORACINI Maria José R. Faria. *Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência*. São Paulo: Educ; Campinas: Pontes, 1991

DORSA, Arlinda Cantero. *O texto científico no ensino superior e a formação docente: caminhos e percalços*. Congresso Ibero Americano de Docência Universitária. Universidade do Porto.

_____. Os diferentes gêneros discursivos acadêmicos utilizados na iniciação científica: da teoria à prática textual. *Anais do II Congresso Nacional de Educação Católica*, CNEC 2013. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Julho 2013.

_____. CASTILHO, M, A. O texto acadêmico e suas convergências: o papel do professor na sua prática docente. I Simpósio Internacional de Ensino de Língua Portuguesa. *Anais do SIELP*. Volume 1, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2011.

FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto; TARGINO, Maria das Graças (Orgs.). *Mais sobre revistas científicas: em foco a gestão*. São Paulo: SENAC; São Paulo: Cengage Learning, 2008.

FREIRE Paulo. *Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática docente*. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUIMARÃES, E. Expressão modalizadora no discurso de divulgação científica. *Educação e Linguagem*, ano 4, nº 5, 65-77, jan.-dez.2001.

KOCH, Ingedore Grunfeld V.; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e coerência*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

LEIBRUDER, Ana Paula. O discurso de divulgação científica. In: BRANDÃO, Helena Nagamine. *Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*. São Paulo: Cortez, 2000.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Trad.: Freda Indursky. Campinas: Pontes/UNICAMP, 1997.

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela. *Produção textual na universidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

RAMIRES Vicentina. Gêneros textuais e relações de poder na comunidade acadêmica. *Revista Veredas on line*. Atemática. PPG Linguística/ UFJF. Juiz de Fora, 2007, p. 66-79.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes na formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.

SOUZA, Juliana Alles de Camargo de. *O artigo acadêmico-científico: como elaborar?* Colóquio (Taquara), v. 7, p. 43-51, 2009.

Disponível em: <https://saga.faccat.br/p907/c_arquivo.php?chave=57&baixar=true>.

SILVEIRA, Regina Célia Pagliuchi da. O discurso científico da revisão e suas modificações textuais. *Revista Unicastelo/SP*, v. 03, n. 03, p. 209-214, 2000.

_____. O discurso científico e a organização textual de artigos de pesquisa. *Anais do V Seminário do Cellip*. UEM, Maringá, 1992.

_____. Um estudo textual de ensaios científicos: variabilidades e constâncias. *XXII Anais de Seminários do GEL*, v. 2, Instituição Moura Lacerda, Ribeirão Preto, 1993.